

Tristeza Convertida em Alegria

(16:16–33)

“UM POUCO” (16:16–24)

¹⁶Um pouco, e não mais me vereis; outra vez um pouco, e ver-me-eis. ¹⁷Então, alguns dos seus discípulos disseram uns aos outros: Que vem a ser isto que nos diz: Um pouco, e não mais me vereis, e outra vez um pouco, e ver-me-eis; e: Vou para o Pai? ¹⁸Diziam, pois: Que vem a ser esse um pouco? Não compreendemos o que quer dizer. ¹⁹Percebendo Jesus que desejavam interrogá-lo, perguntou-lhes: Indagais entre vós a respeito disto que vos disse: Um pouco, e não me vereis, e outra vez um pouco, e ver-me-eis? ²⁰Em verdade, em verdade eu vos digo que chorareis e vos lamentareis, e o mundo se alegrará; vós ficareis tristes, mas a vossa tristeza se converterá em alegria. ²¹A mulher, quando está para dar à luz, tem tristeza, porque a sua hora é chegada; mas, depois de nascido o menino, já não se lembra da aflição, pelo prazer que tem de ter nascido ao mundo um homem. ²²Assim também agora vós tendes tristeza; mas outra vez vos verei; o vosso coração se alegrará, e a vossa alegria ninguém poderá tirar. ²³Naquele dia, nada me perguntareis. Em verdade, em verdade vos digo: se pedirdes alguma coisa ao Pai, ele vo-la concederá em meu nome. ²⁴Até agora nada tendes pedido em meu nome; pedi e recebereis, para que a vossa alegria seja completa.

Versículo 16. Concluída a mensagem sobre o Espírito, era hora de Jesus dizer suas últimas palavras aos discípulos. Essas palavras eram uma resposta do Senhor à reação de tristeza dos apóstolos, assim que ele anunciou que partiria para voltar para o Pai (16:4b–6).

Nesta seção, 16:16–24, Jesus abordou as dificuldades de compreensão dos discípulos. Ele garantiu

que a tristeza que estavam sentindo se transformaria em alegria (16:20); no devido tempo, depois de receber o Espírito, as implicações das palavras de Jesus se tornariam mais claras. Jesus declarou quase enigmaticamente: **Um pouco, e não mais me vereis; outra vez um pouco, e ver-me-eis.** A expressão “um pouco” traduz μικρόν (*mikron*), que aparece sete vezes em 16:16–19 e outras vezes em 7:33; 12:35; 13:33 e 14:19. O primeiro uso de “um pouco” neste contexto deve certamente referir-se ao intervalo até a morte iminente de Jesus, após a qual seus apóstolos “não mais o veriam”. No entanto, após esse “pouco” antes de Jesus partir viria outro “pouco”, até que os discípulos vissem o Senhor novamente.

A declaração de Jesus “ver-me-eis” depois do segundo “pouco” refere-se aos aparecimentos de Jesus após a ressurreição, à vinda do Espírito ou à sua segunda vinda? (Veja os comentários sobre 14:2–4, 18, 19.) Neste contexto, Jesus provavelmente se referia à partida decorrente de sua morte e à sua volta após a ressurreição, quando ele ministaria por cerca de quarenta dias antes da ascensão (Atos 1:1–11). Desse modo, Jesus estava dizendo que, em poucas horas (no dia seguinte), seus seguidores não iriam mais “vê-lo” (θεωρέω, *theōreō*) porque ele seria crucificado. Então, depois de um curto período (da sua morte até a ressurreição), eles o “veriam” (ὁράω, *horaō*) porque ele voltaria da sepultura. Alguns estudiosos observaram que o primeiro verbo foi usado por João para a visão física (veja 2:23), enquanto o segundo geralmente denota a visão intuitiva que envolve compreensão mental ou espiritual (veja 1:51). Dada a maneira como João usou algumas palavras alternadamente (por exemplo, ἀγαπάω [*agapaō*] e φιλέω [*fileō*]; veja 11:3, 5), é difícil apoiar essa distinção. A opção

por usar verbos diferentes pode não indicar uma mudança de significado, e simplesmente refletir o estilo literário do autor.

Versículos 17 a 19. As palavras de Jesus foram confusas para os **discípulos**. (Os judeus reagiram da mesma forma a uma expressão semelhante em 7:33–35.) Pela primeira vez desde que Judas (não o Iscariotes) havia se mostrado confuso com o que Jesus estava dizendo (14:22), os discípulos falaram. Essa interrupção encerrou o monólogo mais longo de Jesus no Evangelho (14:23–16:16). Os discípulos expressaram sua incompreensão repetindo as palavras de Jesus em 16:16 e relacionando-as ao que ele havia dito em 16:10 sobre **ir para o Pai** (16:17)¹. Parece que a pergunta deles (16:18) se concentrava nos diferentes usos da expressão **um pouco**. Em 16:17, **disseram** é literalmente “estavam dizendo”, pois o verbo ἔλεγον (*elegon*) está no tempo imperfeito. Em outras palavras, os discípulos continuavam a perguntar uns aos outros o que Jesus queria dizer. Não se pode determinar se os discípulos estavam sussurrando uns com os outros ou conversando mais abertamente enquanto caminhavam a uma curta distância de Jesus. De qualquer maneira, a linguagem de Jesus foi confusa para eles.

Os discípulos ainda estavam pensando num nível físico, convencidos de que o Messias estabeleceria um reino terreno. Frederic Louis Godet disse: “As objeções dos discípulos são naturais, do ponto de vista deles. O que para nós é claríssimo, para eles era misterioso. Se Jesus desejava fundar o reino messiânico, por que iria embora? E se ele não desejava fundar esse reino, por que haveria de voltar?”² Se, de fato, Jesus era o Messias, como parecia ser a crença deles a essa altura, as declarações do Senhor não condiziam com a expectativa materialista dos apóstolos.

Embora os discípulos quisessem fazer perguntas a Jesus sobre o que ele acabara de dizer, nenhum deles expressou abertamente esse desejo. **Jesus**, porém, **percebeu** a estranheza deles (16:19). Durante o ministério do Senhor, ficou evidente que seu conhecimento era sobrenatural (veja 1:47,

48; 2:24, 25; 4:17, 18; 6:61, 64). No entanto, João provavelmente não queria que seus leitores concluíssem que, nesse caso, o conhecimento de Jesus decorria de um poder sobrenatural. Como foi dito anteriormente, os discípulos não estavam longe de Jesus. Percebendo que estavam confusos devido aos sussurros e conversas paralelas, Jesus soube o que estavam pensando e começou a responder repetindo exatamente o que os discípulos disseram em 16:17³.

Versículo 20. Seguindo um padrão recorrente em todo este Relato do Evangelho, Jesus não deu uma resposta direta aos discípulos; os eventos que em breve aconteceriam esclareceriam tudo para eles. Mesmo não repetindo as palavras “um pouco” depois de 16:19, elas ocuparam o foco do seu discurso. Jesus não ignorou a confusão relativa ao significado das palavras “vou para o Pai” (16:17). Ele se referiria a isso mais tarde, em 16:28. Então, começou a responder empregando a dupla confirmação **em verdade, em verdade** (veja os comentários sobre 1:50, 51), enfatizando a importância do que seria dito.

Jesus contrastou a tristeza dos discípulos, sem dúvida por causa de sua morte, com a alegria do **mundo**. O termo “mundo” incluía judeus e romanos, os quais pensariam que, finalmente, estavam se livrando daquele que por tanto tempo foi uma ameaça para eles.

Os discípulos **chorariam** (κλαίω, *klaio*) e **se lamentariam** (θρηνέω, *thrēneo*). “Estes dois verbos descrevem os altos lamentos e choros costumeiros no Oriente após a morte.”⁴ O primeiro verbo ocorre em 11:31, 33; 20:11, 13, 15, e o segundo, somente aqui em João e “indica a entoação de cantos fúnebres”⁵. O verbo “lamentar-se” é usado para designar a ação das mulheres que seguiram Jesus até a crucificação (Lucas 23:27). Maria Madalena estava do lado de fora do túmulo, na manhã da ressurreição, chorando (*klaio*; 20:11). Jesus usou um enfático **vós** (ὁμεῖς, *humeis*), ao contrastar os discípulos com o “mundo”. O **lamentar-se** (λύπη, *lupē*) de seus seguidores, típico em velórios, duraria

¹Dentre as versões em português, a ACF (Almeida Corrigida Fiel) optou pelo texto mais longo, incluindo a frase: “porquanto vou para o Pai”; todavia, os melhores textos correspondem à tradução mais breve do versículo, como fez a RA, NVI, NAA, KJA e outras.

²Frederic Louis Godet, *Commentary on John's Gospel*. Grand Rapids, Mich.: Kregel Publications, 1978, p. 875.

³Os discípulos não citam exatamente a mesma frase dita por Jesus em 16:16, pois as palavras de Jesus incluíam οὐκέτι (*ouketi*), que significa “não mais”, no lugar de οὐ (*ou*), que significa “não”.

⁴J. H. Bernard, *A Critical and Exegetical Commentary on the Gospel According to St. John*, The International Critical Commentary. Edinburgh: T. & T. Clark, 1928, vol. 2, p. 514.

⁵George R. Beasley-Murray, *John*, Word Biblical Commentary, vol. 36. Waco, Tex.: Word Books, 1987, p. 285.

pouco tempo e se transformaria em **alegria** (χαρά, *chara*). Mais uma vez, Jesus enfatizou com *huméis* que seriam os apóstolos que sentiriam tristeza. Essa tristeza não deveria ser simplesmente substituída por alegria; ela deveria ser convertida em alegria. O mesmo motivo que havia gerado tristeza geraria alegria. O mesmo acontecimento que causaria a tristeza dos apóstolos – a morte de Jesus na cruz – resultaria na alegria deles.

Versículos 21 e 22. Visando instruir os discípulos quanto à natureza da transição de tristeza para alegria, que eles experimentariam, Jesus usou a ilustração de uma mulher em trabalho de parto (veja Isaías 13:8; 21:2, 3; 26:17, 18; 66:7–14; Jeremias 13:21; Miqueias 4:9, 10): **A mulher, quando está para dar à luz, tem tristeza... mas, depois de nascido o menino** [literalmente, ‘um ser humano’, ἄνθρωπος, *anthropos*], **já não se lembra da aflição, pelo prazer que tem de ter nascido ao mundo um homem.** Da mesma forma, a **tristeza** que os discípulos logo experimentariam quando Jesus fosse preso e morto na cruz se transformaria em **alegria**, pois Jesus veria os discípulos novamente. A fonte de tristeza se converteria em fonte de alegria. Embora Jesus não o tenha explicado, parece claro que essa é mais uma referência às Suas aparições pós-ressurreição, as quais seriam registradas mais tarde (veja 20:20, 27). Os discípulos estavam tristes **agora** e ficariam de coração partido com a morte do Senhor da glória. Como uma mãe que esquece a dor envolvida no nascimento do filho, após a ressurreição, os discípulos se esqueceriam da tristeza que viveram. Ela seria transformada em uma alegria tão magnífica que **ninguém** poderia **tirar** deles. Jesus não quis dizer que os discípulos nunca mais experimentariam tristeza. Após sua ressurreição, eles atingiriam um nível de entendimento do que Jesus estivera dizendo e fazendo tão elevado que a alegria seria diferente de tudo o que o mundo podia dar. Os discípulos experimentariam a alegria resultante de uma nova maneira de ver as coisas; isso afetaria até a maneira de verem suas próprias vidas.

Versículos 23 e 24. “Naquele dia” é uma locução usada em Mateus 24:36 para o fim dos tempos. No Evangelho de João, entretanto, **naquele dia** é usado em 14:20 e 16:23 e 26 para um tempo claramente *anterior* à segunda vinda de Cristo. A maioria dos comentaristas entende que essa locução se refere à ressurreição de Jesus, quando a tristeza dos discípulos se transformaria em alegria

(16:20) e eles conseguiriam compreender mais plenamente o que Jesus estivera ensinando. O mais provável é que a locução “naquele dia” se refira aqui ao dia em que o Espírito seria dado por Jesus aos apóstolos, e esse dia foi o primeiro Pentecostes após a ressurreição (veja Atos 2:1–4). De acordo com B. F. Westcott, “‘naquele dia’ começa no Pentecostes e se consuma na Volta”⁶. Em contraste com este ponto de vista, J. H. Bernard disse que, enquanto “o dia de Pentecostes é descrito em Atos 2 como um Dia em que um dom especial de poder espiritual se manifestou... para [João] o Dia do Advento do Espírito é o Dia da Ressurreição de Jesus”. Bernard prosseguiu dizendo que a locução “significa a nova Dispensação ou Era do Espírito, que começou com a Ressurreição”⁷. Evidentemente, a ressurreição significou um novo começo, porém ela não deve ser concebida como o começo da “nova Dispensação”. O começo da nova Dispensação só aconteceria quando os apóstolos fossem capacitados com a descida do Espírito Santo (veja Lucas 24:49; Atos 1:8; 2:1–4). Talvez fosse melhor dizer que, quando Jesus partisse e depois voltasse dos mortos como prometera (veja os comentários sobre 16:16), os apóstolos o veriam e, naquele momento, entenderiam muito do que ele havia dito. Obviamente, eles teriam uma alegria e um discernimento jamais vivenciados antes da ressurreição. Porém, com a vinda do Espírito, toda a confusão se dissiparia, pois eles alcançariam um conhecimento ainda maior. Além disso, teriam uma nova concepção da oração e do seu poder, bem como do lugar de Jesus em suas orações.

A frase **nada me perguntareis** permite uma das seguintes traduções: 1) “Nada deveis me perguntar”; ou: 2) “Nada deveis perguntar sobre mim”. Os discípulos haviam feito muitas perguntas a Jesus, especialmente no cenáculo (13:6, 25, 36, 37; 14:5, 22). Nesse contexto, eles ainda queriam fazer perguntas sobre a enigmática declaração de Jesus registrada em 16:16. Quando recebessem o Espírito Santo, esse desejo seria eliminado porque o Espírito lhes ensinaria todas as coisas, os faria lembrar dos ensinamentos de Jesus e os guiaria a toda a verdade (14:26; 16:13). Embora isso seja verdade, nada no contexto imediato sugere que Jesus estava falando da obra do Espírito. Além disso, no

⁶ B. F. Westcott, *The Gospel According to St. John*. Cambridge: University Press, 1881; reimpressão, Grand Rapids, Mich.: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1950, p. 233.

⁷ Bernard, vol. 2, p. 516.

texto grego, “me” (ἐμέ, *eme*) está em posição enfática, ocorrendo antes da partícula de negação e do verbo (literalmente: “Me perguntareis nada”). Essa ordem enfática sugere um contraste com o Pai na próxima frase. Por isso, “nada me perguntareis” é a tradução preferível. Os discípulos haviam feito perguntas a Jesus durante seu ministério pessoal, todavia, após sua partida, eles não poderiam mais se aproximar dele face a face. Isso seria uma grande vantagem, e não uma desvantagem, para eles. Jesus prometeu, empregando a dupla e enfática confirmação **em verdade, em verdade** (veja os comentários sobre 1:50, 51), que eles se comunicariam diretamente com o **Pai**. Aquilo que pedissem em **nome** de Jesus lhes seria dado. O contraste em 16:23, então, se dá entre pedir algo a Jesus pessoalmente (face a face) e pedir ao Pai em nome de Jesus após a subida do Filho ao céu (veja os comentários sobre 14:13, 14; 15:7, 8).

Alguns podem contestar que não era esse o contraste que Jesus estava destacando, com base no fato de que o verbo traduzido por **perguntareis** (ἐρωτάω, *erōtaō*) na primeira parte do versículo é diferente do verbo traduzido por **pedirdes** (αἰτέω, *aiteō*) na segunda parte. No entanto, não há distinção significativa entre esses dois termos. Isto se evidencia em Atos 3, onde o versículo 2 diz que o coxo “pedia” (*aiteō*) esmolas, enquanto o versículo 3 diz que o ele começou a “implorar” (*erōtaō*). Em todo o Evangelho de João, palavras gregas com significados semelhantes são usadas alternadamente.

Os discípulos haviam feito muitos pedidos a Jesus; mas, **até agora, nada** tinham **pedido** [a Jesus] **em seu nome**. Com a chegada da nova era, as coisas seriam diferentes; eles teriam um novo relacionamento com Jesus e o Pai (veja 14:23). Depois de receberem o privilégio de orar em nome de Jesus, os discípulos foram incentivados a **pedir** e eles **receberiam**. A palavra grega equivalente a “pedir” aqui é αἰτεῖτε (*aiteite*), um presente imperativo durativo que implica pedir continuamente. Os discípulos deveriam “pedir continuamente” ou “continuar a pedir”. Jesus declarou que o motivo para esse pedir contínuo era **para que a vossa alegria seja completa**. Jesus queria que seus discípulos imediatos e todos os discípulos tivessem uma alegria inexprimível. Embora os discípulos fossem enfrentar várias provações, a alegria que experimentariam jamais seria tirada deles. Essa alegria estava intimamente ligada à oração. Jesus exortou seus discípulos a orar para atingirem a alegria no

mais alto grau. De nenhuma outra forma a alegria deles “seria completa”.

A VITÓRIA DE JESUS SOBRE O MUNDO (16:25–33)

²⁵Estas coisas vos tenho dito por meio de figuras; vem a hora em que não vos falarei por meio de comparações, mas vos falarei claramente a respeito do Pai. ²⁶Naquele dia, pedireis em meu nome; e não vos digo que rogarei ao Pai por vós. ²⁷Porque o próprio Pai vos ama, visto que me tendes amado e tendes crido que eu vim da parte de Deus. ²⁸Vim do Pai e entrei no mundo; todavia, deixo o mundo e vou para o Pai.

²⁹Disseram os seus discípulos: Agora é que falas claramente e não empregas nenhuma figura. ³⁰Agora, vemos que sabes todas as coisas e não precisas de que alguém te pergunte; por isso, cremos que, de fato, vieste de Deus. ³¹Respondeu-lhes Jesus: Credes agora? ³²Eis que vem a hora e já é chegada, em que sereis dispersos, cada um para sua casa, e me deixareis só; contudo, não estou só, porque o Pai está comigo. ³³Estas coisas vos tenho dito para que tenhais paz em mim. No mundo, passais por aflições; mas tende bom ânimo; eu venci o mundo.

Versículo 25. Jesus iniciou esta seção citando pela sexta vez a expressão: **Estas coisas vos tenho dito** (ταῦτα λελάληκα, *tauta lelaleka*). Essas palavras apareceram pela última vez em 16:33 (veja os comentários sobre 15:11). Todas as ocorrências se referem ao que acabara de ser dito. Jesus traçou aqui um contraste entre as **figuras** (παροιμία, *paroimia*; veja os comentários sobre 10:6) e a instrução clara. “Estas coisas” apontam principalmente para as figuras de linguagem, especialmente no discurso iniciado em 16:16 em que Jesus empregou figuras enigmáticas para falar de sua partida e fez a analogia da mulher no parto (16:21). Embora essa seja a última coisa que Jesus acabara de dizer, é evidente que grande parte do seu discurso continha linguagem figurada. Vemos Jesus empregando esse tipo de linguagem em suas parábolas nos Evangelhos Sinóticos. Marcos 4:34 diz que Jesus “sem parábolas não lhes falava [à multidão]; tudo, porém, explicava em particular aos seus próprios discípulos”. No texto atual, Jesus empregou comparações (*paroimia*), mas disse que dali em diante ele falaria com eles **claramente** (παρρησία,

parrësia). Essa palavra apareceu anteriormente em João – não só para indicar a natureza pública de alguns dos ensinamentos de Jesus (7:4, 26; 11:54), mas também para denotar o que ele disse “claramente” em oposição às “figuras” ou “comparações” (veja 10:24; 11:14).

Jesus disse que **vem a hora** [viria] **em que** tudo isso mudaria e ele falaria “claramente” **a respeito do Pai**. A expressão “vem a hora” é a mesma usada em 16:2 e ocorre novamente em 16:32. Provavelmente não significa mais do que “chegar o tempo”, como diz a NTLH. Uma possibilidade é que essa “hora” tenha acontecido quando os apóstolos foram iluminados pela vinda do Espírito Santo no Pentecostes e pelo ensino complementar que receberam (veja 16:12–15). Essa expressão parece estar ligada à outra: “naquele dia”, em 16:23 e 26. No entanto, com base na resposta dos discípulos (16:29), parece que o restante da mensagem de Jesus em 16:25 foi numa linguagem clara, sem figuras (16:26–28). Talvez os discípulos estivessem, naquele momento, começando a entender as implicações de alguns ensinamentos de Jesus. Eles teriam um melhor entendimento após a ressurreição, pois veriam por si mesmos o cumprimento de alguns ensinamentos de Jesus. Teriam um entendimento completo sobre a descida do Espírito Santo no Pentecostes. Um olhar superficial no livro de Atos mostra que houve uma mudança radical na vida dos apóstolos. Leon Morris falou de “uma certeza, uma convicção, que só poderia acontecer após os fatos narrados nos Evangelhos”⁸.

Versículos 26 e 27. Com a vinda do Espírito Santo **naquele dia** (veja os comentários sobre 16:23, 24), não seria mais necessário que o Filho rogasse ao Pai pelos discípulos. Eles teriam um entendimento mais completo sobre o Pai, o que lhes infundiria confiança para acessá-lo em oração. O fato de passarem a pedir ao Pai em **nome** de Jesus não significa que os discípulos não tivessem acesso direto ao **Pai** ou que os pedidos tivessem de ser feitos a Jesus, como se Ele fosse mais misericordioso que o Pai. A unidade completa do Pai com do Filho é ensinada aqui, bem como no versículo seguinte. As Escrituras ensinam em outras passagens que Jesus intercede por seus discípulos de modo geral (Romanos 8:34; Hebreus 7:25; 1 João 2:1), e isso

⁸ Leon Morris, *The Gospel according to John*, ed. rev., The New International Commentary on the New Testament. Grand Rapids, Mich.: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1995, p. 629.

certamente se aplica aos apóstolos. Pedir em nome de Jesus é pedir com base na pessoa e na obra de Jesus, reconhecendo que só ele é o caminho para o Pai (veja os comentários sobre 14:13, 14). Por causa da obra redentora de Jesus, a qual culminou no seu sacrifício na cruz, os discípulos poderiam ter acesso direto a Deus mediante a oração.

Jesus apresentou, a seguir, a razão por que ele não precisava persuadir o Pai a dar atenção às orações dos discípulos: **Porque o próprio Pai vos ama**. De acordo com C. K. Barrett, Jesus estava dizendo: “O próprio Pai, por livre e espontânea vontade, vos ama e não precisa ser instigado por mim”⁹. Barrett observou ainda que o ensino de Jesus em 16:26 e 27 era uma extensão de 15:13–15, “onde os discípulos são chamados de φίλοι [*filoi*, ‘amigos’] de Jesus, pois formam com ele um círculo de amor singular. Nesta passagem, a ideia central é que o próprio Pai se posiciona dentro desse círculo”¹⁰. Os discípulos teriam um relacionamento perfeito com o Pai porque tinham **amado** e **crido** no Filho. Por isso, Jesus não precisaria persuadir o Pai a aceitar e validar as orações dos seguidores de Jesus. O Pai as acolheria.

Versículo 28. Considerado por muitos estudiosos como uma declaração da missão de Jesus, este versículo foi identificado por George R. Beasley-Murray como “o coração deste Evangelho”¹¹. Ele “resume toda a verdade sobre Jesus – sua origem divina, encarnação, morte e exaltação”¹². O versículo ressalta os seguintes aspectos sobre Jesus:

Sua missão como representante do Pai (**vim do Pai**; veja 3:16, 17);

Sua encarnação (**entrei no mundo**; veja 1:10, 14);

Sua partida do mundo na morte (**deixo o mundo**; veja 14:19);

Seu retorno ao Pai e sua exaltação (**vou para o Pai**; veja 16:10, 17).

Os verbos traduzidos por “vim” (ἐξῆλθον, *exēlthon*) e “entrei” (ἐλήλυθα, *elēlutha*) dão um significado especial à declaração de Jesus. “O primeiro tempo [um aoristo] reconhece que a encarnação

⁹ C. K. Barrett, *The Gospel According to St. John*, 2a. ed. Filadélfia: Westminster Press, 1978, p. 496.

¹⁰ Ibid.

¹¹ Beasley-Murray, p. 287.

¹² Owen E. Evans, *The Gospel According to St John*, Epworth Preacher’s Commentaries. Londres: Epworth Press, 1965, p. 173.

ocorreu em um determinado momento na linha do tempo; o segundo [um perfeito] reconhece seu efeito duradouro”¹³. A vinda de Jesus ao mundo foi importante, pois sem ela ele não poderia ser o Salvador do mundo. A ida “para o Pai” (14:12, 28; 16:10, 17, 28) foi importante porque significava o cumprimento de sua missão e a aprovação do Pai.

Versículos 29 e 30. Jesus disse em 16:25 que chegaria o tempo em que ele usaria uma linguagem clara (veja os comentários sobre 16:25). À medida que Jesus foi conversando com os **discípulos**, o desnorteamento inicial começou a dar lugar ao entendimento. Então, eles comentaram que **agora** Jesus **falava claramente** e **não empregava nenhuma figura**. Na visão dos apóstolos, a confusão a respeito da partida de Jesus tinha sido esclarecida, porém os leitores astutos duvidam disso. É improvável que o entendimento dos discípulos tivesse melhorado. O comentário era precipitado, pois a promessa de Jesus ainda se cumpriria no futuro. Tudo indica que eles pensaram que as promessas de 16:23, 24 e 26 haviam se cumprido; mas o cumprimento de fato só aconteceria “naquele dia” (veja os comentários sobre 16:23, 24, 26, 27).

A pretensa confiança dos discípulos se evidencia na repetição da palavra **agora** em 16:29 e 30. Eles já estavam confiantes, antes mesmo da morte, ressurreição e exaltação de Jesus e antes da vinda do Espírito. Em 16:30, eles disseram: **Agora, vemos que sabes todas as coisas**. Jesus viu a perplexidade dos apóstolos diante do aviso de sua partida e do retorno para o Pai (16:17, 19). A declaração deles de que Jesus sabia todas as coisas provavelmente não era uma afirmação de que ele era onisciente, e sim um reconhecimento da capacidade de Jesus de discernir os pensamentos que povoavam suas mentes. Por isso acrescentaram: **e não precisas de que alguém te pergunte**. Os discípulos ficaram tão impressionados por Jesus saber de suas preocupações e abordar essa questão, que não ousaram fazer mais perguntas. Novamente, a profunda percepção de Jesus era óbvia. Ele conhecia os pensamentos dos apóstolos e já tinha respondido suas perguntas. Ele conhecia os pensamentos e intenções do coração humano (veja 2:25). A plena confiança de que Jesus sabia todas as coisas deu aos discípulos a certeza de que ele viera de Deus:

por isso, cremos que, de fato, vieste de Deus. Levando em conta 16:32, concluiríamos que essa proclamação de fé era imprópria; mesmo assim, eles expressaram confiança em Jesus.

Versículos 31 e 32. A resposta de Jesus aos discípulos em 16:31 foi muito parecida com a que ele deu a Pedro em 13:38: ele repetiu a afirmação deles e depois fez uma advertência. No caso de Pedro, Jesus repetiu a afirmação de Pedro em forma de pergunta, que é a maneira como a maioria das versões traduz a resposta de Jesus aos discípulos aqui: **Credes agora?** No entanto, essas palavras de Jesus deveriam ser entendidas como uma afirmação. Alguns as interpretam como uma exclamação: “Finalmente, vocês creem!” D. A. Carson sugeriu a seguinte forma em sua tradução literal: “Agora vocês creem!”¹⁴ Parece mais razoável entender que se trata de uma afirmação. A ênfase de Jesus aqui estava na palavra ἄρτι (*arti*), traduzida por “agora”. Diferente de νῦν (*nun*), que significa “agora” em 16:29 e 30, *arti* significa “mais do que um mero ponto na linha do tempo... Sugere um estado particular, uma crise [16:12; veja 13:7, 33; Apocalipse 12:10]”¹⁵. Jesus estava essencialmente dizendo: “Neste momento vocês creem”.

No que diz respeito àquele momento, Jesus não negou que os discípulos tinham um certo grau de fé; ele reconheceu a fé deles em 16:27. Embora fosse uma fé inadequada, havia na convicção deles (assim como na de Pedro em 13:37) sinceridade e autenticidade. Sem questionar se de fato criam, Jesus fez uma advertência, tal como fizera a Pedro, em 13:38. Apesar de amarem a Jesus, a fé deles ainda não era forte o suficiente. Em outras palavras, Jesus disse: “É verdade que neste momento vocês creem, porém **vem a hora e já é chegada** quando vocês me abandonarão”. “Já é chegada” enfatizava a iminência da deserção que cometeriam coletivamente. Os apóstolos abandonariam o Senhor naquela mesma noite. Embora tivessem fé, essa fé não os sustentaria; seriam **dispersos, cada um para sua casa**. A linguagem de Jesus lembra a declaração que ele fez em Marcos 14:27, onde citou Zacarias 13:7: “Todos vós vos escandalizareis, por-

¹³ Raymond E. Brown, *The Gospel According to John (xiii–xxi)*, The Anchor Bible, vol. 29A. Garden City, N.Y.: Doubleday & Co., 1970, p. 725.

¹⁴ D. A. Carson, *O Comentário de João*. Trad. Daniel de Oliveira e Vivian Nunes do Amaral. São Paulo: Shedd Publicações, 2007, p. 326. Morris disse: “Há possivelmente alguma ênfase no ‘agora’”. Naquele momento, eles professaram crer (v. 30), mas, como demonstram as próximas palavras de Jesus, na realidade, eles ainda não conheciam algumas das sérias consequências da fé em Jesus” (Morris, p. 632).

¹⁵ Westcott, p. 236.

que está escrito: Ferirei o pastor, e as ovelhas ficarão dispersas”.

Apesar de os discípulos abandonarem e deixarem Jesus, ele **não** estaria **só, porque o Pai** estava com ele. Jesus havia dito anteriormente que o Pai não o deixara só, pois ele sempre fazia o que agradava o Pai (8:29). Jesus não poderia contar com o apoio dos discípulos, entretanto, poderia ter certeza da presença e do apoio do Pai.

Versículo 33. Sabendo que seus discípulos o abandonariam, Jesus anteviu a restauração deles e os tranquilizou. Jesus começou a comunicar suas últimas palavras aos doze usando pela última vez a frase: **Estas coisas vos tenho dito** (veja os comentários sobre 15:11). Essa frase poderia se referir somente à declaração anterior sobre a dispersão dos discípulos após a prisão de Jesus. Jesus estava dizendo que sabia que eles o abandonariam e não queria que eles fossem dominados pela ansiedade, mas que tivessem paz. No entanto, é mais provável que essa frase se refira a todo o discurso, cujo propósito era que os discípulos tivessem paz.

F. F. Bruce chamou a atenção para duas esferas da existência: 1) “em mim” e 2) “no mundo”¹⁶. Todos os discípulos vivem nessas duas esferas. Jesus tranquilizou os discípulos assegurando-lhes: **tenhais paz em mim**. As palavras “em mim” lembram a alegoria da videira e dos ramos, em que Jesus salientou a importância de permanecermos nele (15:5–7). Aqueles que permanecem em Jesus, relacionando-se intimamente com ele, podem ter “paz” (εἰρήνη, *eirēnē*). E podem “continuar tendo paz”, como exprime o verbo traduzido por “tenhais”, um presente subjuntivo ativo. A “paz” que o discípulo tem ao permanecer em Jesus é vivenciada mais internamente do que externamente (veja os comentários sobre 14:27). É uma paz de espírito e tranquilidade de alma que só o crente pode desfrutar. É “a paz de Deus, que excede todo

o entendimento” e que “guardará o vosso coração e a vossa mente em Cristo Jesus” (Filipenses 4:7).

A paz que abençoou a vida dos discípulos não os isentou de provações e tribulações; pelo contrário, Jesus disse: **No mundo passais por aflições** (θλίψις, *thlipsis*), referindo-se ao inevitável sofrimento que eles viriam a suportar. A menção das aflições dos discípulos no mundo nos remete ao ensino de Jesus sobre o ódio do mundo por seus seguidores (15:18–16:4). Em todo o Novo Testamento, a palavra *thlipsis* se refere aos sofrimentos dos primeiros cristãos (veja Atos 14:22; 20:23; 1 Tessalonicenses 3:2–4). Entre as experiências que eles teriam haveria “problemas que infligem sofrimento, opressão, aflição, [e] tribulação”¹⁷.

Apesar das aflições impostas pelo mundo, Jesus exortou seus discípulos a “terem bom ânimo” e acrescentou: **eu venci o mundo**. “Venci” traduz *νενίκηκα* (*nenikēka*), um verbo no tempo perfeito que significa ação completa com resultados contínuos. Jesus obteve a vitória sobre o mundo, assim como derrotou Satanás, o príncipe deste mundo. A vitória de Jesus é um tema recorrente em 1 João 2:13, 14; 4:4; 5:4, 5. Embora o mundo continue a atacar, Jesus é vitorioso e aqueles que nele permanecem participam dessa vitória. Para o mundo, a cruz parecia a derrota daquele que lhes trouxera tantos problemas; na verdade, a cruz foi uma vitória. “Ele a venceu tanto pela fraqueza quanto pela força; venceu a morte morrendo; venceu Satanás, o deus deste mundo, permitindo que Satanás aparentemente o vencesse”¹⁸. Jesus tinha uma missão específica ao vir ao mundo, e ela estava quase cumprida. Por isso Jesus já podia falar dela como algo já concluído.

¹⁷ Walter Bauer, *A Greek-English Lexicon of the New Testament and Other Early Christian Literature*, 3a. ed., rev. e ed. Frederick William Danker. Chicago: University of Chicago Press, 2000, p. 457.

¹⁸ Horatius Bonar, *Studies in the Gospel of John*. Grand Rapids, Mich.: Zondervan Publishing House, 1972, p. 96.

¹⁶ F. F. Bruce, *The Gospel of John*. Grand Rapids, Mich.: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1983, p. 326.